

MEMÓRIAS DA VOVÓ

MITOS E LENDAS DE FERREIRA GOMES/AP



Memórias da Vovó – Mitos e Lendas de Ferreira Gomes/AP, Volume I.

1 – Autores: Alunos da Turma do 4º ano do Curso Regular de Magistério da Escola Estadual Ceará - Sistema Organizacional de Ensino Modular- SOME, 1999.

- ❖ Aldenora Santos Oliveira
- ❖ Dariléia Pinheiro da Silva
- ❖ Deusadete B. Isacksson
- ❖ Eci dos Santos Pereira
- ❖ Ejesuel Lima Pereira
- ❖ Ernandes da Silva
- ❖ Helb Pinto Soares
- ❖ Helén Pinto Soares dos Santos
- ❖ Ilza Agenor Vidal
- ❖ Lídia Mendes dos Santos
- ❖ Maria Cleonice da Cruz Jesus
- ❖ Nazareno Andrade Coelho
- ❖ Neuraci Lima Pereira
- ❖ Nelma dos Anjos Vaz
- ❖ Paulo Andrey dos Santos
- ❖ Rosilene Silva dos Santos

2 – Orientadora:

- ❖ Marília Nery da Costa – Professora de Língua Portuguesa.

3 – Coautor:

- ❖ Eden dos Santos Pereira

(Org.)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Aline Farias Bandeira Couto – CRB-2 1700/O

M533m Memórias da vovó : mitos e lendas de Ferreira Gomes/AP [recurso eletrônico] / Marília Nery da Costa (orient.) ; Eden dos Santos Pereira (co-aut). Macapá-AP : UNIFAP Editora, [2025].

25 p.

ISBN 978 8554761240

Coletânea de narrativas míticas produzidas pelos alunos do 4º ano do Curso Regular de Magistério da Escola Estadual Ceará.

1. Narrativas míticas. 2.Narrativas lendárias. 3.Contos populares. I.Costa, Marília Nery da. II.Pereira, Eden dos Santos. III. Universidade Federal do Amapá. IV. Título.

CDD 23. ed. – 398.21

SUMÁRIO

Apresentação.....	03
Aspectos históricos	04
A Cobra Que Mundia	05
A Mulher Que Virou Sapa.....	07
O Mistério Da Noite.....	09
A Lenda Do Mapinguari	11
A Lenda Da Cobra Grande	14
A Loira Da Cachoeira Do Paredão.....	16
O Homem Cavalo.....	19
O Homem Caititu	20
Considerações Finais.	21
Dedicatória.....	22
Glossário.....	23

Memórias da Vovó – Lendas & Mitos de Ferreira Gomes – AP, Volume I
Coautor: Eden dos Santos Pereira
E-mail: edenmengo@hotmail.com

APRESENTAÇÃO

Agradecemos e dedicamos este livro ao povo do município de Ferreira Gomes, no Amapá, responsáveis pela preservação ao longo dos anos dessas histórias, que por décadas alimentaram o lúdico, e os mistérios que cercam cada mito e lendas contadas.

O mito contém em si, elementos fantasiosos, que garantem a construção de mundos, imagens e aspirações que são impossibilitadas de existir no mundo real; mas que, auxiliam na elaboração do raciocínio e da criatividade dos homens, mulheres e crianças.

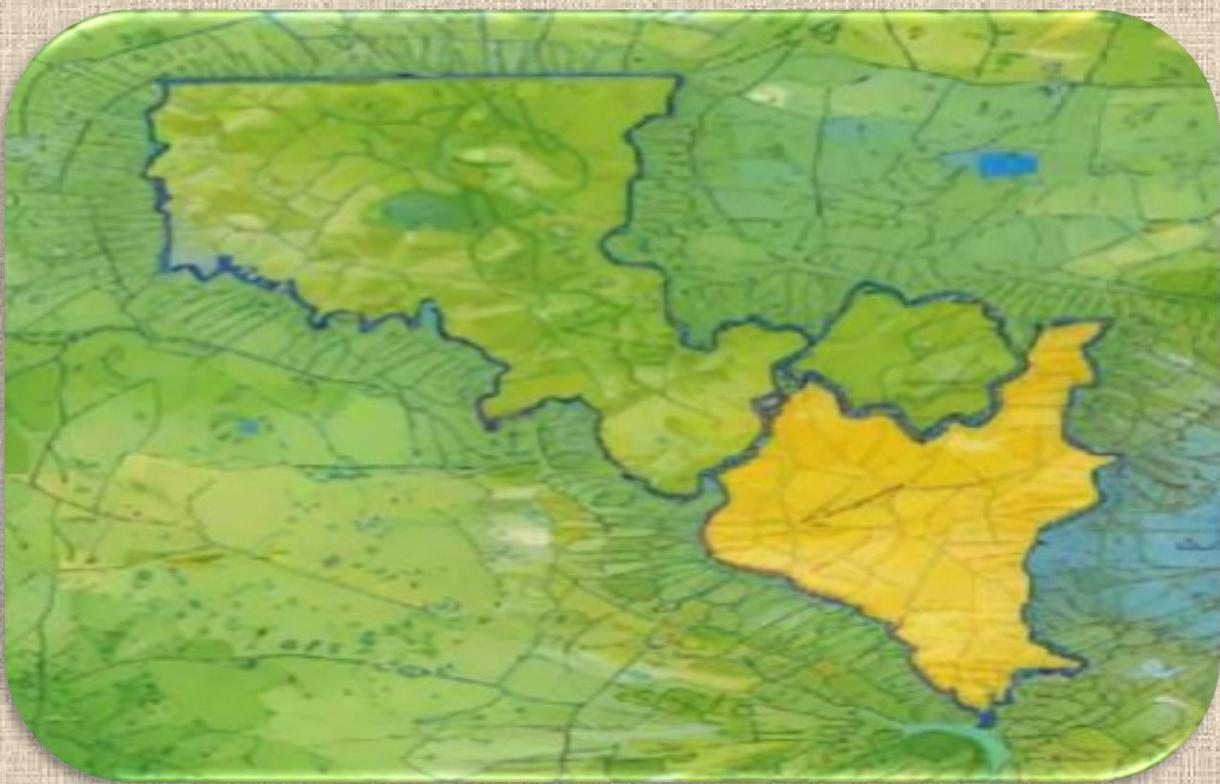
As lendas são narrativas transmitidas oralmente pelas pessoas com o objetivo de explicar acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais.

ASPECTOS HISTÓRICOS

A história de Ferreira Gomes começa em meados do Século XX, com a chegada dos primeiros seringueiros pelo rio Araguari. Aqui fundaram, na margem direita do rio, a Colônia de Ferreira Gomes, nome dado em homenagem ao mais antigo e famoso comerciante, da época da Guerra do Paraguai, então chamado de Comandante Militar João Ferreira Gomes.

Na época as casas que existiam eram feitas de madeira, cobertas de palha, ambiente perfeito para viver tranquilamente, exceto pelas lendas e mitos que deixavam os poucos moradores da colônia inquietos, e assustados, principalmente quando anoitecia.

As histórias se espalhavam pelos Distritos, e Localidades de Ferreira Gomes: Triunfo do Araguari; Beiradão do Paredão; Palha; Colônia do Barro; Tracajatuba; e Falcino. E contaremos a você caro leitor algumas dessas histórias lendárias, desse pequeno município ilustrado no mapa a seguir.



A COBRA QUE MUNDIA

Certo dia o senhor Raimundo Rodrigues saiu para procurar seus porcos, que haviam fugido, entrou na mata e foi andando, e andando, quando de repente ouviu grunhidos de porco:

Ronc! Ronc! Oinc! Oinc! liihhh!

Seu Raimundo então parou para escutar, depois continuou a caminhar em direção aos gritos que tinha ouvido. Quando se deparou com uma cobra gigante, que estava com uma parte do corpo na água e a outra parte na terra, comendo um dos porcos.



Ao ver o tamanho da cobra, ele ficou todo adormecido de tanto medo, afastou-se dela para ver se voltava ao seu estado normal.

Quando ele melhorou, aproximou-se novamente e observou que só a parte que estava fora da água media cerca de 20 metros de comprimento.

Pegou a espingarda e atirou quatro vezes na cabeça monstruosa da cobra:

Pei! pei! pei! pei!



Depois dos tiros a cobra ficou olhando diretamente nos olhos dele, foi quando ele percebeu que ela tinha duas cabeças, que suas presas eram enormes e afiadas, e que ficavam do lado de fora de sua boca. Os olhos da cobra mudavam de cor, as cores eram fortes e brilhantes, como se dentro ficasse girando.

Quando seu Raimundo voltou para casa começou a se sentir muito mal, com febre, calafrios, ficou noites e noites andando pela casa como se fosse um sonâmbulo. Ficou tão doente que caíram seus cabelos, a pele do corpo soltava como se ele fosse uma cobra.

Os moradores acreditam que o pobre do homem foi mundiado pela enorme cobra. Não se sabe porque a cobra não o comeu, já que ele ficou tão perto dela.

A MULHER QUE VIROU SAPA

Dona Bethe, uma simpática senhora, estava tranquila em seu quintal molhando suas plantas. Quando anoiteceu Dona Bethe ouviu barulhos vindos do fundo do quintal, ela estava bem perto da cerca e curiosa como era, não resistiu e foi olhar o que estava acontecendo ali, quando deparou-se com uma enorme sapa.



A sapa então começou a atacar Dona Bethe, que não sabia o que fazer, e para se defender saiu correndo, até avistar um pedaço de madeira e também atacar a sapa. A sapa já estava muito machucada e não dava mais conta de se movimentar, Dona Bethe pensou que havia matado a sapa, e então murmurou:

Deus que me livre! Nunca tinha visto um bicho tão grande!

Passado o susto Dona Bethe terminou de molhar suas plantas e voltou para sua casa.



No outro dia Dona Bethe soube que uma senhora na comunidade, estava muito machucada e passando mal. Dizem os moradores de Ferreira Gomes que a sapa na verdade era essa senhora, que um dia antes havia dito que uma moradora da comunidade iria apanhar de uma sapa.

O MISTÉRIO DA NOITE

Certa noite Dona Edna Barbosa dos Reis moradora antiga do lugar, ao embalar seu neto para dormir, escutou um barulho muito estranho, o barulho assustou-a, e não parava, era:

Bing! Bang! Muu! Ping!

Dona Edna com muito medo sentiu arrepios, sua casa era de assoalho alto e alguém podia passar tranquilamente por baixo.

Em uma árvore do outro lado da casa existiam muitas latas penduradas.



O barulho parecia com o estrondo de um enorme porco. O medo foi tanto que ela nem conseguiu olhar pela janela, Dona Edna não teve coragem, e ficou mais assustada quando o bicho se atrapalhou com as latas e ecoou um barulho horrível:

Ronc! Ronc! Creeeck! Creeeck! Bam!



Seu coração bateu descompassadamente, dando a entender que ficaria um rastro de desordem por onde o bicho passava.

Ao amanhecer ela comentou o ocorrido com sua filha, porém ao irem verificar os estragos causados, observaram que estava tudo do mesmo jeito, as latas em seus devidos lugares e nenhum rastro de desordem, muito menos pegadas. Até hoje não se sabe o que de fato aconteceu naquela noite sombria.

A LENDA DO MAPINGUARI

O Senhor Raimundo Evangelista Neto, costumava caçar, aliás passou quase toda sua vida a caçar, pra colocar alimento na mesa de sua família.

Em uma de suas caçadas, na localidade do Triunfo, às margens do rio Araguari, ele nos contou que ouviu falar da existência de um estranho animal que apavorava os moradores da localidade. Eles o chamavam de Mapinguari.

Segundo eles, o Mapinguari era um índio muito velho, que por consequência da idade, transformou-se em um horrível animal.

Seu Evangelista, nos conta que o Mapinguari se alimentava de carne, e que devorava os índios da tribo. Diz ele que o bicho era muito peludo, que chegava a arrastar os pelos no chão; seu mal cheiro era tão forte que embriagava qualquer ser vivo, seus olhos eram vermelhos como brasa, e suas presas sobressaiam pela boca.

Bom, lá estavam seu Evangelista e alguns amigos caçando, quando de repente... ouviram um forte grito, seguido de barulhos:

Bum! Bum! Ka-boom! Bam! Bang! Pow!

Aquilo era simplesmente ensurcedor, horripilante! Ecoou mata adentro, eles ficaram em pânico, pegaram suas armas e se esconderam, em silêncio, espreitando o animal. Não conseguiram vê-lo, pois a noite era muito escura e temendo a morte, não se atreveram a acender suas lanternas, o odor que vinha do Mapinguari era insuportável e estonteante.



Ao amanhecer foram observar se o bicho tinha deixado algum vestígio, quando na areia encontraram suas pegadas com cerca de 45 centímetros de comprimento e aproximadamente 20 centímetros de largura, além dos galhos que havia quebrado, enquanto passava.



Seu Evangelista conta, que o bicho tinha todas as características do Mapinguari. O índio, no qual todos falavam ter se transformado na besta-fera.



A LENDA DA COBRA GRANDE

O senhor Guaraci, morador muito querido que reside no município a muitos anos, nos relatou que, certo dia estava pescando às margens do rio Araguari e se deparou com uma cobra grande, tentou matá-la e não conseguiu.



Quando ele percebeu, a mesma havia desaparecido, ele ficou assustado porque nunca havia acontecido isso com ele.

Ao se aproximar do rio Fascino, um dos rios que desaguam no Araguari, ele encontrou com outros pescadores que o ajudaram após saberem o que havia acontecido, muito nervoso e assustado, resolveram levar ele até o município de Porto Grande, onde foi tratado do susto da cobra grande.



Ele também conta que já viu vários outros animais assombrados como: onça, veado, e caititu.

A LOIRA DA CACHOEIRA DO PAREDÃO

A senhora Osvaldina dos Santos Pires, nos conta que quando criança foi morar na localidade do Paredão. Às margens do rio, quando passou a ouvir as histórias daquele lugar, Segundo ela uma das histórias mais interessantes era sobre uma moça loira que diziam ser a dona da cachoeira do Paredão.

Na época da construção da Usina Hidrelétrica Coaracy Nunes, a loira aparecia para alguns operários. Diziam que ela era uma mulher muito bonita e que foi encantada pelo dono do rio; e não fazia mal a ninguém a não ser que a perturbassem.



Seus irmãos caçavam e pescavam desde muito novos. Certo dia, um deles saiu para pescar á noite, embarcou na canoa e foi embora. Um pouco longe de casa, avistou uma mulher loira de olhos lindos e cabelos longos, sentada em uma pedra enorme.

Mesmo com medo ele foi em direção a moça, e então perguntou a ela:

O que você faz aqui?

A moça então respondeu: Que estava encantada e que gostaria de encontrar alguém de coragem para lhe quebrar o encanto.

Ele aceitou o desafio, tendo que voltar no outro dia para encontrá-la, naquele mesmo lugar. Depois disso a moça pulou na água e desapareceu.



Ele então voltou para casa, mas não contou nada do que havia acontecido a ninguém, no outro dia, voltou ao mesmo lugar e ficou esperando. De repente nas águas calmas, surgiu uma pequena onda que veio em sua direção e molhou um pouco mais a pedra onde ele estava sentado. Em seguida veio outra, depois outra, e ondas cada vez maiores surgiram. Por fim, uma sétima onda surgiu com aproximadamente uns dois metro de altura.

Foi ai que ele correu, quando percebeu o tamanho da onda, neste instante, a loira lhe apareceu novamente, desta vez muito brava, e chorando disse-lhe:

Se tivesse esperado a última onda, o encanto teria sido quebrado!

A moça disse para ele ir embora e que nada iria acontecer, caso contrário ele se arrependeria para sempre. Então ele voltou para casa e contou tudo o que havia acontecido na cachoeira, para seus pais. E não teve outro jeito, se não irem embora do Distrito do Paredão. Pois todas as noites a loira aparecia em seus sonhos e não o deixava dormir.



O HOMEM CAVALO

Um dia seu Ludovico morador da localidade do Palha foi à festa, e ao retornar (momento em que a comunidade dormia), vinha subindo a ribanceira, meio embriagado, porém consciente. Quando de repente se deparou com um cavalo que se debatia atrás de uma casa, seu Ludovico não deu muita importância e virou-se para urinar ali próximo mesmo, quando voltou os olhos para o que acontecia notou que no lugar que o cavalo estava já havia um homem, que não estava em momento algum ali quando chegou.



A história de que, aquele homem se transformava em cavalo, é bastante conhecida em Ferreira Gomes, até hoje os moradores tem receios de andar a noite sozinhos pela comunidade do Palha, com medo de encontrarem com o Homem que vira Cavalo.

O HOMEM CAITITU

O retiro São Joaquim na localidade do Palha, é de propriedade do senhor Ludovico. Seu Ludovico afirma já ter visto na localidade, um Caititu com pernas iguais de um homem, e com espanto diz:

Com esses olhos que a terra há de comer um dia!

O Caititu tinha o corpo de um animal e as pernas aparentemente iguais a de um homem. Ludovico afirma ter visto tudo, e chegou perto do bicho, com o intuito de atirar, mas a espingarda falhou e o bicho deu três gritos e sumiu na mata.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A propagação do mito é ideal para a valorização de uma cultura. E a dificuldade que tivemos para conseguir estas histórias, mostra o quanto ainda precisamos para saber quem fomos e o que somos.

Podemos dizer, que Ferreira Gomes já possui um rico material para pesquisar seu passado, e graças a ele, ainda podemos em uma noite de luar, contar algumas de nossas histórias aos nossos filhos. E se estes, contarem as mesmas histórias aos nossos netos e gerações seguintes, o objetivo deste trabalho será alcançado.

DEDICATÓRIA

Dedicamos carinhosamente este livro em memória póstuma, a todos que contribuíram mantendo viva as histórias dos mitos e lendas de nosso município, permitindo assim que todo esse acervo rico perpetue pelas gerações futuras.

Nossos agradecimentos aos que contaram as histórias:

- ❖ Edna Barbosa dos Reis
- ❖ Dona Bethe
- ❖ Guaraci
- ❖ Ludovico Agenor
- ❖ Osvaldina dos Santos Pires
- ❖ Raimundo Evangelista Neto
- ❖ Raimundo Rodrigues

Colaboradora e cuidadora do acervo ao longo dos anos:

- ❖ Maria Raimunda dos Santos Pereira



GLOSSÁRIO

Adormecido: Pessoa que não consegue se mexer ou agir.

Mundiado: Alguém que está encantado por um animal e não consegue se mexer.

Murmurou: Alguém que falou em voz baixa.

Assoalho alto: Piso de madeira de 1 metro de altura ou mais.

Ecoou: É um som que vem de um local longe.

Temendo: Significa medo.

Estonteante: Odor que segundo os moradores deixava a pessoa tonta, desorientada.

Besta-fera: Um animal muito mau.

Encantada: Alguém sob um feitiço.

Feitiço: Prática relacionada a feitiçaria, magia ou bruxaria.



Hino Nacional Brasileiro

Letra: Joaquim Osório Duque Estrada
Música: Francisco Manoel da Silva

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos
Brilhou no céu da pátria nesse instante

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte
Em teu seio, ó liberdade
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada
Idolatrada
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce
Se em teu formoso céu, risonho e límpido
A imagem do Cruzeiro resplandece

Gigante pela própria natureza
És belo, és forte, impávido colosso
E o teu futuro espelha essa grandeza

Terra adorada
Entre outras mil
És tu, Brasil
Ó Pátria amada!
Dos filhos deste solo és mãe gentil
Pátria amada
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido
Ao som do mar e à luz do céu profundo
Fulguras, ó Brasil, florão da América
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra, mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores
Nossos bosques têm mais vida
Nossa vida no teu seio mais amores

Ó Pátria amada
Idolatrada
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado
E diga o verde-louro dessa flâmula
Paz no futuro e glória no passado

Mas, se ergues da justiça a clava forte
Verás que um filho teu não foge à luta
Nem teme, quem te adora, a própria morte

Terra adorada
Entre outras mil
És tu, Brasil
Ó Pátria amada!
Dos filhos deste solo és mãe gentil
Pátria amada
Brasil!